Solidão e comunhão em Louis Lavelle

Michel ADAM

[Prefácio a *Le Mal et la Souffrance*, Paris, Dominique Martin Morin, 2000, pp. 6-10.]

Os autores contemporâneos [à edição de *Le Mal et la Souffrance* em 1940], ante à hostilidade do mundo, compraziam-se em atitudes negativas. A inquietação heideggeriana, a angústia sartreana serão completadas pelo absurdo de Camus. O esnobismo do abandono invadia o mundo intelectual e determinava uma moda à qual muitos sucumbiam. Era elegante cada um portar sua existência de atravessado e, diante da invasão imperialista do infortúnio, rejeitar todo o sentido positivo da vida. Logo se constatará que Lavelle nos remete de volta à nossa liberdade. Em vez de sucumbir à miséria, convém assumir o encargo de nós mesmos, para poder nos afirmar. Longe de bloquear a sensibilidade e as consciências, longe de paralisá-las, o mundo hostil deve incitar a desenvolver uma potência criadora. Constata-se então que é por ela que eu me constituo, que minha vocação se revela a mim. Em vez de me resignar, de me deixar submergir pela infelicidade, proponho à sociedade em que vivo um exemplo de ultrapassagem e uma incitação a seguir essa mesma atividade. Em face da hostilidade do mundo, contestando-a, minha liberdade tornou-se uma liberdade real.[1]

Ante a miséria do mundo, investida pela minha reflexão, a vida interior assume mais profundidade, assim como intensidade, e a liberdade entra em estado de vigília. É nessa experiência sensível que eu constato que, para não ceder ao desespero, é preciso dar à alma a força e a luz. O mundo não é mais um espetáculo indiferente; ele é a ocasião de um enfrentamento onde as provações se tornam provocações à afirmação de si e dos outros.[2] O mal do mundo transforma-se em enunciação do bem que convoca minha ação. A consciência cessou de contemplar somente o mal; minha liberdade poderá regenerar o mundo que, pela infelicidade que exprimia, parecia a ocasião de uma vontade maldosa. Minha vitória sobre o mal impregnou o real com uma significação espiritual. Poderemos, aliás, completar essas observações filosóficas por uma referência à realidade do mal da guerra, através das notas tomadas por Lavelle durante sua experiência de combatente e de prisioneiro.[3] A possibilidade da luta contra o mal revela-se em nós através desse sofrimento que nos deixa adivinhar uma vida interior da qual percebemos, pouco a pouco, que é a verdadeira vida.

A constituição da riqueza existencial leva-me à riqueza da vida espiritual. Assim leremos em nós a prioridade da existência sobre a afirmação do nosso ser. É assim que, no seu grande livro *De L'Acte*, desde 1937, Lavelle afirma que a existência precede a essência. Por essa valorização da existência, ele engaja o homem na ação jubilosa. Então o mal não está no dado, no real, mas no querer. O mal que encontro é algo a superar, e não a limitação do meu ser. O

[1] *Le Mal et La Souffrance*, p.101.
[2] P. 20.
[3] *Carnets de Guerre. 1915-1918*, Québec, Le Beffroi, et Paris, Les Belles Lettres, 1985.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida, arquivada ou transmitida de nenhuma forma ou por nenhum meio, sem a permissão expressa do autor.

sofrimento é, por exemplo, notado na sensibilidade; mas se me refiro, de um modo complementar, àquela zona em mim na qual se exprimem a vontade e a liberdade, constato que estou em presença de uma experiência espiritual. Em vez de ser constrangido e humilhado por esse mal que me obseda, torno-me o princípio de uma tomada de responsabilidade sobre esse mal. Posso afirmar-me como princípio de vida em meu espírito porque ele dá ao mal uma significação e faz dele um obstáculo a vencer.

Tal como o constato, é uma realidade espiritual que me faz ser. No exemplo do sofrimento, constata-se que ele me leva a aprofundar minha interioridade, a me interrogar sobre mim mesmo. O meu ser assume gravidade ao mesmo tempo que delicadeza. Não posso mais me abandonar à indiferença, tanto quanto à busca dos bens exteriores. Em troca, é como se eu descobrisse o acesso a bens interiores, que parecem tanto invisíveis quanto de alto valor. Mais ainda, nessa mesma experiência, descubro que tenho acesso a uma unidade interior, ao centro, à fonte da minha sensibilidade[4]. Já não me é possível, então, deixar-me ir a todas as solicitações da natureza. Constato que essas solicitações tendiam a uma desestabilização do eu, a uma dispersão no mundo, a um divertimento. Torno-me um foco de existência autônoma.[5] Descubro que depende somente de mim solicitar essa fonte viva que está em mim para assumir minha responsabilidade de ser eu mesmo. A ferida do sofrimento, assim como a decepção do isolamento, mostram-me que existe um lugar íntimo que é bem meu, o lugar da minha atividade espiritual. É no meu ser que descubro o princípio da minha atividade espiritual. Não será para nele me comprazer, mas para participar da dinâmica íntima que ela me revela.

Assim, é no momento em que eu possa me sentir fraco, no momento em que minha fragilidade se manifesta, quando sinto que o ambiente me parece hostil, que me encontro a mim mesmo. Eu não poderia buscar no mundo a atividade do espírito. Ela revela-se nesse universo do invisível e constato que cabe ao espírito penetrar o mundo para lhe dar um sentido que possa se coordenar com a minha atividade interior. Graças ao mal que estava no mundo, separei-me deste e encontrei em mim o movimento espiritual que, separado do mundo, me mostra o meu dinamismo, o meu ardor, o meu elã.[6]

Esse elã encontra sua significação na possibilidade que ele tem se orientar para cá ou para lá, para o bem ou para o mal, para o alto ou para baixo. Minha sensibilidade espiritual revela-se, portanto, como presença em face do dualismo principial axiológico. Deverei escolher entre o bem e o mal, entre o dinamismo e o peso, o tormento ou a vitalidade do espírito. O querer sente-se solicitado a tomar uma decisão, e esta remete à minha intimidade, àquela apreensão do eu onde bem se sente que o que está em jogo não é nada senão o próprio eu, sua vocação e seu destino. Há uma alternativa de escolha, mas ela se dirige a um eu que é único e que, ao escolher, se escolhe. O meu ser se fará unicamente pelo bem que ele encarnará nas suas ações. É essa escolha que dará a sua unidade interior e que, em definitivo, o caracterizará. Nossas infelicidades parecem criar em nós fendas, separações, uma pluralidade de possíveis. O encaminhamento espiritual restitui-nos a unidade pessoal que parecia-nos estar ao ponto de perder-se. A reflexão feita sobre a nossa dificuldade de ser deu a possibilidade de recuperar nosso destino próprio. Graças à

[4] P. 79.
[5] P. 92.
[6] P.45.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida, arquivada ou transmitida de nenhuma forma ou por nenhum meio, sem a permissão expressa do autor.

liberdade tornada novamente sensível em face das dificuldades da vida, o homem reencontra a possibilidade de viver um sentido; é esse sentido que permitirá retomar uma atividade pessoal e uma progressão espiritual. A absurdidade do mal é vencida pela vivacidade do espírito e pelo enquadramento dos valores que esperavam que eu lhes permitisse viver e irradiar-se em mim. Reencontra-se aqui o tema central da demarche lavelliana. Atingiremos o ser pelo ato, mas esse ato tem seu princípio na consciência viva reencontrada em mim. Essa experiência da consciência axiológica revelou-nos o ser. O ser estará nesse ato pelo qual o espírito se faz a si mesmo.

No entanto, não se trata de comprazer-nos num solipsismo. A filosofia de Lavelle é todo o contrário disso. Em vez de o eu se debruçar sobre si mesmo, ele reencontrou nele o lugar de uma experiência da qual os outros seres são capazes e na qual lhes é possível comunicar-se. Pode-se levar essa interioridade até à universalidade. Encontra-se o seu caminho por essa captação de alegria criadora vivente em nós, ao mesmo tempo que uma luz parece nos aclarar. Vê-se a possibilidade uma sociedade espiritual. A solidão ou o sofrimento podiam fechar-nos em nós mesmos; no entanto, o eu, ao se reencontrar a si mesmo em sua fonte, abandonou o mundo das aparências, da exterioridade. No interior do espírito, podemos nos comunicar, podemos comungar. A vida interior pode acolher as outras vidas interiores. Assim, eu me sinto só, ao mesmo tempo que, nessa experiência, reencontro os outros. Para além dessa fraternidade, pode-se constituir uma comunidade de alegria. Separei-me daquilo que agia no mundo para reencontrar aquilo que vive no espírito, naquela vida do espírito que é comunhão e que, no fim, vibrará com o espírito mesmo de Deus.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida, arquivada ou transmitida de nenhuma forma ou por nenhum meio, sem a permissão expressa do autor.